

ACADEMIA CAMPINENSE DE LETRAS

Varnhagen: revisão ou reavaliação ?

Seja uma ou outra cousa, ou mesmo ambas se quiserem, a verdade é que a palestra proferida pelo Acadêmico José Roberto do Amaral Lapa na sessão de agosto da Campinense levantou uma série de proposições da mais alta relevância para os que militam no campo da historiografia, além de marcar a tão esperada reaproximação do ilustre professor da Unicamp com a entidade da qual foi um dos fundadores, mas da qual tem permanecido corporalmente ausente, para lamentação de todos os seus confrades. Digo corporalmente, porque em espírito ele nunca se afastou da Academia, dela se lembrando com frequência nos seus escritos, seja para o registro de uma sessão ou para o comentário a qualquer circunstância relacionada com a vida da Academia e dos acadêmicos.

Sua palestra em torno de uma revisão ou reavaliação da obra de Francisco Adolfo de Varnhagen, e que marcou a participação da Academia nas comemorações do historiador de Sorocaba, valeu por uma profissão de sua maneira de entender a história, que, segundo sua própria confissão, evoluiu sensivelmente nos últimos anos graças a outras perspectivas ou a outros enfoques pelos quais prefere agora pautar a linha mestra de seus trabalhos. Aliás, seu último livro, **História em Questão**, publicado há dois anos, representou já uma tomada de posição bastante sincera e que o valorizou consideravelmente no conceito de todos os estudiosos que nele vêem, e com justiça, um dos grandes nomes da moderna historiografia brasileira.

Referiu-se o acadêmico-historiador a alguns representantes do que se poderia considerar uma ala “avançada” da atual historiografia brasileira que se compraz na demolição dos “monstros sagrados” da historiografia do século passado, Varnhagen entre eles. Mas — é o caso de se perguntar — que têm esses novos para pôr no lugar do que querem destruir ? Aqui me ocorre a velha lição, que é de todos os tempos: querer destruir uma coisa sem ter outra prontinha e que seja bem melhor para substituí-la, só serve para fortificar o que se pretendeu destruir. E é o que está acontecendo com a historiografia do século passado. A resposta à iconoclastia dos novos está na ânsia com que os estudiosos se atiram aos autores do passado. Vejam os leitores o movimento editorial. Quatro ou cinco grandes editoras do país cuidam no momento de reeditá-los em suas obras mais significativas, e alguns até em suas obras completas, como no caso de Capistrano de Abreu e do próprio Varnhagen. As coleções em que tais

reedições vêm sendo inseridas têm títulos significativos: “Dimensões do Brasil” (Vozes), “Memória Brasileira” (Melhoramentos), “Reconquista do Brasil” (Itatiaia)... Não há de ser sem propósito este interesse em torno dos historiadores do passado.

O Professor Amaral Lapa confessou sua posição atual como a de “segurador de pontas” entre duas tendências da historiografia brasileira. Não é apenas nessa situação pouco cômoda que eu o vejo. Como homem de pesquisa (*Carreira da Índia*, *Economia Colonial* e outros ensaios menores) e como homem de teoria (*A História em Questão*) e ainda pela sua posição privilegiada de respeitado por ambas as tendências, é ele dos poucos capazes de salvar o que resta de nossa pobre historiografia contemporânea. ONM

*

POSSE DO ACADÊMICO RENÉ PENNA CHAVES

Em sessão solene realizada na noite de 21 de agosto, tomou posse na Academia Campinense de Letras o médico e escritor René Penna Chaves, eleito em 5 de junho para a Cadeira nº 19 (patrono Amadeu Amaral), vaga com o falecimento do Acadêmico Plínio do Amaral, ocorrido em janeiro do corrente ano. O discurso oficial de recepção foi pronunciado pelo Acadêmico Lycurgo de Castro Santos Filho. A seguir, transcrevemos os dois discursos proferidos na reunião que atraiu ao belo auditório da Campinense o que Campinas tem de mais representativo.

1. Discurso do Acadêmico Lycurgo de Castro Santos Filho

Aqui estamos nós dois, senhor René Pena Chaves, envelhecidos, sofridos, ofegantes da longa subida até este templo grego que enfeita e engrandece Campinas, a terra que escolhemos para a morada de toda a nossa vida. De outras plagas viemos. Em outros lugares nascemos. Vós em Paris, e eu na então capital de nosso país. E na cidade de Francisco Barreto Leme — também como nós forasteiro de outra região — fixamo-nos e entregamo-nos ao exercício de nossa profissão médica. Já se passou meio século. Meio século, senhor René Pena Chaves, nesta bendita, nesta querida terra campineira ! Constituímos família, tivemos filhos e agora, embevecidos, assistimos ao crescimento de nossos netos. Só Deus sabe se chegaremos aos bisnetos !